

A 'inflação' da ameaça chinesa e seus riscos

O Globo - Blogs - 06/10/2022

A ascensão da China mete medo em muita gente, resultado de uma combinação de razões objetivas e fobias variadas, algumas novas, outras requentadas da era colonial. Não bastasse a falta de transparência do governo chinês, este mix difuso de manipulação política, razão e emoção torna-se mais de difícil entender as verdadeiras motivações de Pequim e sua capacidade de exercer influência. Uma análise imune aos ruídos é fundamental para criar blindagens ao que é negativo e colher benefícios da nova realidade geopolítica.

Embora mais prudente que no governo de Donald Trump, a política externa americana sob a Presidência de Joe Biden manteve a premissa do antecessor em relação à China,

de que o país asiático representa uma ameaça existencial aos EUA e aos valores democráticos. Se não há mais o extremismo de gente como Peter Navarro, assessor de Trump que foi um dos arquitetos da guerra comercial e defendeu a necessidade de confrontar Pequim militarmente, a americana retórica continua deixando pouco espaço para acomodação, ancorada na convicção de que "a China é o grande teste geopolítico do século 20", como disse o secretário de Estado, Antônio Blinken.

Dominante na atual política externa dos EUA, a preocupação em conter o avanço da China é também o que está por trás do interesse americano na Cúpula das Américas, que termina nesta sexta-feira em Los Angeles. Não é de agora que o aumento da presença chinesa na América Latina é tema de debate em Washington, e mesmo assim a região nunca mereceu muita atenção da Casa Branca. Agora, os EUA tentam recuperar o terreno perdido propondo uma frente democrática para atrair os países latino-americanos, mas é improvável que isso seja suficiente para afastar algum governo de Pequim. Como evidências mostram que a maior ameaça à democracia nas Américas tem origem doméstica, não externa — inclusive nos EUA. Além disso, todos os países da região têm interesse em aumentar o comércio com a China e atrair mais investimentos chineses — os EUA não são exceção.

Num estudo comparativo entre as práticas comerciais dos EUA e da China na América Latina, os pesquisadores Nicolas Albertoni e Madeline Zheng concluíram que o protecionismo americano deixou as portas abertas para o avanço chinês na região. Ao examinar essas práticas entre 2009 e 2017, o estudo contabilizou uma média anual de 422 políticas protecionistas dos EUA na América Latina, como as barreiras ao aço brasileiro, contra 44 da China. Talvez as preocupações americanas sejam legítimas, reconhecem os autores, mas em vez de focar nos riscos do comércio chinês com a região, os EUA deveriam rever suas políticas. A "Parceria das Américas para a Prosperidade Econômica", apresentada por Biden em Los Angeles, tem linhas vagas e não fala em redução de tarifas.

Os alertas do Ocidente sobre o crescimento chinês costumam concentrar-se nas diferenças ideológicas que embutem riscos estratégicos e apontam para um suposto plano de Pequim para "remodelar" a ordem mundial, como repetiu Blinken num discurso recente focado na China. Adicionada à crescente assertividade diplomática de Pequim e ao fortalecimento militar da China, essa percepção de risco aumentou com a guerra na Ucrânia, em que o apoio retórico de Pequim a Moscou foi visto como mais uma comprovação da urgência em conter o desafio ao autoritário liberal.

Neste clima de choque de civilizações, distensão e apaziguamento viraram obscuro termos. Mas vozes tentando evitar que a escalada retórica acabe num desastre. Um dos primeiros a usar a termo "nova guerra fria" para descrever a rivalidade entre Washington e Pequim, o historiador conservador Niall Ferguson refletiu recentemente sobre a hipótese de que a linha-dura do governo Biden com Pequim está aumentando o risco de confronto, e defendeu que os EUA fizeram gestos de aproximação. É preferir sacudir a poeira da "palavra suja" distensão, se essa é a política que evita uma guerra por Taiwan, diz Ferguson.

Numa linha parecida, o especialista americano em estudos de segurança da China Michael D. Swaine alerta que a ameaça de ameaça chinesa leva os EUA a tomar medidas extremas e contrárias a seus interesses, e por sua vez provocam reações de Pequim que alimentam a percepção de ameaça, num ciclo vicioso. Em um longo artigo que acaba de sair, Swaine diz que a "inflação da ameaça" que se tornou preponderante nos EUA é um sério obstáculo para avaliar corretamente as reais intenções e capacidades militares chinesas, além de marginalizar vozes moderadas e elevar o perigo de um conflito militar.

— Retratar o desafio militar de Pequim de forma categórica, excessivamente alarmista e no pior cenário possível remover a necessidade de determinar os limites das ameaças chinesas. A China vira um gigante de três metros irrefreável em seu desejo de destruir os EUA, exceto por meio de uma oposição maciça dos EUA — disse Swaine.

Ao apontar para uma "inflação" na percepção da ameaça, Swaine não nega que o ascensão da China um desafio aos EUA. Segundo ele, não há dúvidas de que o governo chinês está agindo para enfraquecer a influência e desafiar os interesses dos EUA em algumas áreas, e que muitas vezes isso é feito com um comportamento "antiético, ilegal ou abertamente contrário às normas internacionais". O problema é que esse desafio é inflacionado de forma a distorcer e exaurir a ameaça militar para o efeito político", diz ele, propagando um pânico desnecessário na população.

— A ameaça chinesa pode ser um perigo tão grande para os EUA quanto subestimá-la. Além de criar um perigoso círculo vicioso. Isto é alarmante particularmente na arena militar, onde uma ameaça inflada quase inevitavelmente leva à mobilização excessiva de recursos financeiros, intelectuais e tecnológicos que poderiam ser usados em outras áreas.